

# RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Vânia Cibele Ornelas de Oliveira

Tatiane Daniel Passarini

Bárbara Magarian

Giselle de Melo dos Santos

**Prof. Vivan Batista da Silva**

Didática

**Estágio realizado no cursinho popular Mafalda, localizado na zona Leste de São Paulo, realizado durante o primeiro semestre de 2016.**

### **Visão Geral do Mafalda**

O Curso Popular Mafalda é um movimento social de caráter voluntário e gratuito, em funcionamento na zona leste desde 2011 em São Paulo, onde teve início sua primeira unidade. O Mafalda surge frente à enorme demanda de educação popular e como alternativa positiva para a preparação de estudantes da rede pública de educação, que não podem arcar com os altos custos de cursinhos privados, para os vestibulares e a vida universitária. A equipe do Cursinho Mafalda é composta por voluntários, em sua maioria estudantes de graduação, mas também graduados, profissionais, especialistas e acadêmicos.

Para ser parte do Mafalda, o estudante deve ter concluído ou estar no último ano do Ensino Médio integralmente em escolas públicas estaduais, municipais ou federais (ou ser bolsista integral em escolas particulares). Além de possuir renda familiar de até 1,5 salário mínimo por pessoa. Os critérios de renda adotados são os mesmos utilizados pelo Governo Federal para programas de cotas sociais.

O cursinho possui 1108 alunos e 150 voluntários na unidade da Zona Leste. O prédio do cursinho é concedido pela faculdade Unicid diante de uma parceria. Todos os cursos são gratuitos. A taxa inicial de matrícula é a única cobrança do cursinho de R\$ 70,00 por aluno, a conta procura não ultrapassar a 10% do salário mínimo; o dinheiro é usado para custear os materiais utilizados, cartões de identificação dados aos alunos e aluguel de um trecho de um imóvel próximo ao cursinho que é usado como depósito. Todos os cursos oferecem aulas somente aos sábados. O trabalho dos professores não é remunerado. Somente as secretárias (ex-alunas) recebem remuneração. O processo seletivo dos alunos, anteriormente, era realizado por meio de um sorteio. Até 2015, 840 alunos ingressaram para o curso preparatório para o vestibular. Após a ampliação espacial e, conseqüentemente, do número de vagas, passa a atender 1108 alunos. O cursinho possui um projeto político-pedagógico. Os projetos são delimitados conforme a possibilidade de execução e os limites materiais. O cursinho agora está tentando como meta a criação e registro de um material didático 100% autoral. O atual material consiste em uma apostila, que pode ser impressa pelo aluno ou comprada na copiadora e é utilizada há três anos. O objetivo é tornar este material público, para que outros cursinhos possam utilizá-lo. “Material público, didático e livre”. O cursinho também já possui um material próprio para Ensino de Português a Estrangeiros. O cursinho em parceria com a prefeitura oferece uma bolsa cursinho que consiste em conceder 104 bolsas, no valor de R\$ 400,00, para que alunos com renda de até ½ salário mínimo per capita possam realizar o cursinho. A bolsa é repassada direto do valor para o aluno. O cursinho exige dos alunos que recebem essa bolsa o desenvolvimento de algum projeto socioeducativo como contrapartida social. O cursinho realiza a sistematização e divulgação das informações sobre o cursinho (ex.: atas das atividades, portfólio de publicações, jornal do cursinho, divulgação do material didático, etc) Além das aulas do Cursinho Pré-Universitário (das 8h às 16h) , são realizados plantões, atividades extracurriculares (“couching”,

métodos de estudos, palestras, etc.) e atividades externas (visitas ao Centro Histórico e a Paranapiacaba). O cursinho realiza encontro com os familiares dos vestibulandos com explicações sobre o universo do vestibular, as universidades, processos seletivos, financiamento estudantil, etc. Os gastos do cursinho estão divididos entre aluguel dos fundos de uma casa onde acontecem reuniões, guardam materiais o café disponibilizado, xerox, material, (o material dos refugiados não são cobrados, por exemplo).

### **Cursos oferecidos**

- Pré-universitário
- ENEM Jovens e Adultos- surgiu dos encontros com os familiares: demanda de conclusão do ensino médio.
- Idiomas (Inglês, Espanhol e Francês) - 30 vagas; acesso a idiomas para ex-alunos ou membros da comunidade com renda de até 1,5 salário mínimo.
- Português para Estrangeiros - criado em 2014 para atender às necessidades comunicativas de imigrantes e refugiados;
- Teatro

Mafalda e formação de cidadãos: por que “pré-universitário” e não “pré-vestibular”?

O cursinho se posiciona contrário ao vestibular e busca conscientizar os alunos de que o vestibular é um processo injusto e excludente. O Mafalda pretende preparar o estudante não apenas para o vestibular, mas para vida universitária. Através de debates sobre o ensino básico e superior, busca inserir os alunos na realidade universitária brasileira, formando não apenas estudantes, mas seres sociais ativos na vida social e acadêmica.

### **Histórico do cursinho**

**2008 – 2011** – Parte da equipe fundadora do Mafalda fez parte do Cursinho Popular Paulo Freire, na zona leste de São Paulo;

**2011** – Fundação do Cursinho Popular Mafalda, na zona leste de São Paulo, com funcionamento em uma escola pública, com oferecimento do curso ‘Pré-Universitário’;

**2013** – Integra-se como projeto educacional e cultural da Organização da Sociedade Civil de Interesse Público OSCIP Imagem da Vida e muda sua sede de atividades para a Universidade Cidade de São Paulo (Unicid), também na zona leste de São Paulo;

**2013** – Oferecimento dos cursos de idiomas (inglês, espanhol e francês) e do curso ‘Preparatório ENEM para jovens e adultos’;

**2013** – Criação da Unidade SP Sul, em parceria com a Casa de Cultura e Cidadania, no bairro de Vila Guacurí, na Cidade Ademar, em São Paulo/SP;

**2014** – Criação da Unidade Ferraz abriu sua primeira turma e tem atividades regulares na EE Eliane Aparecida Dantas da Silva, na cidade de Ferraz de Vasconcelos, região metropolitana de São Paulo;

**2014** – Oferecimento do curso de ‘Português básico para Refugiados’, em parceria com a Cáritas São Paulo e o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados.

### **Objetivos do cursinho:**

- 1) Preparar de forma efetiva para o vestibular os estudantes. Com foco no público de baixa renda, cursando o 3º ano do ensino médio ou já formados, buscar promover a conscientização social dos estudantes, através da discussão sobre os conteúdos programáticos para o vestibular.
- 2) Promover aulas do conteúdo curricular do Ensino Médio, de forma a oferecer uma revisão e aprendizado desses conteúdos.
- 3) Contribuir para uma iniciativa individual dos estudantes na transformação do mundo que os cerca, através de conscientização social.
- 4) Promover atividades que incentivem a ampliação dos conhecimentos culturais e dos espaços públicos que devem ser apropriados pelos cidadãos.
- 5) Promover palestras com profissionais e especialistas de diversas áreas, para aprofundamento nos assuntos coletivos.

O cursinho comunitário do Mafalda é resultado de uma cisão do cursinho Emancipa. O projeto abrange Cursinho pré-vestibular, Preparatório para o ENEM e certificação de ensino médio, Curso de línguas para refugiados e curso de línguas para o vestibular. As vagas no Mafalda são cotizadas entre afrodescendentes, indígenas e terceirizados da UNICID. O cursinho é aberto para todos estagiários com a condição que o relatório do estágio, ou qualquer material preparado a partir do estágio, seja disponibilizado para a escola publicar no site, de modo que os estagiários possam oferecer uma avaliação crítica do curso.

A hierarquia da escola funciona de modo horizontal dividido da seguinte maneira: coordenação de cursinho, de teatro, de refugiados, do preparatório para o ENEM e coordenadoras geral. O coordenador cumpre 10 horas semanais e o educador cumpre 3 horas semanais. O cursinho tem material didático próprio que custa 50 reais e é pago pelo aluno. Já faz três anos que o Mafalda tem material didático próprio, entretanto, esse ano a ideia é reformular todo o material para que ele seja registrado, nessa proposta deve ser elaborado um material totalmente autoral, o que não confere ao material atual. O material será disponibilizado publicamente para uso livre, entretanto, com a contrapartida de haver revisão por parte de quem o use.

## ENTREVISTAS REALIZADAS DURANTE O ESTÁGIO

### **Entrevista com aluna do pré-vestibular**

**Amanda Vasconcelos**, 16 anos, mora na Cidade Tiradentes (Zona Leste), cursa o 3º ano do Ensino Médio na escola estadual Prof Simão Matias.

**Motivo pra fazer o curso:** Quer cursar medicina em uma faculdade pública, para isso vai fazer as provas do ENEM e da Fuvest.

**Curso pretendido:** Medicina

**Apoio familiar:** Tem apoio dos pais tanto na escolha do curso quanto na escolha de cursar uma faculdade pública, uma vez que não teria condições financeiras de bancar o curso de medicina em uma faculdade particular.

**Outros cursos oferecidos:** Só frequenta o curso pré-vestibular, falou que além das aulas das matérias convencionais, tem aulas de atualidades que são importantes pois ajudam os alunos a estarem bem informados e construir uma base política e crítica.

**Vestibular:** Acha que o vestibular é um bom selecionador e necessário como meio de ingresso na universidade, mas que é muito seletivo e difícil, de modo que muitas pessoas não têm acesso a ele. Disse ainda que o vestibular poderia ser menos rigoroso.

**Diploma:** Para ela o diploma "é tudo", "antigamente era mais fácil trabalhar sem curso superior, hoje em dia não dá para trabalhar sem curso superior." Sendo o diploma necessário se você quiser viver e não só sobreviver. Afirmou que na vida dela o diploma tem papel essencial.

**Qualidade do ensino médio:** Estudou a vida toda em escola pública estadual: 1 a 4ª série do Ensino fundamental I - Camilo Castelo Branco; 5 a 8ª série do Ensino fundamental II - Mariuma Boazar Maua; 1 a 3º ano do Ensino médio - Prof Simão Matias (Iguatemi). Disse que as aulas na escola são, no geral, básicas, e é bem inferior do que os alunos deveriam aprender. Acha que aprende muito mais no Mafalda do que no colégio. Tanto que disse ter tido matérias que só viu no cursinho, como biologia, história (disse que na escola não teve quase nada de história em comparação com o cursinho) e matemática (álgebra). Ainda disse que outro fator que diferencia o Mafalda do colégio é o interesse dos alunos, pois para ela na escola os alunos estão obrigados e no Mafalda só frequenta quem realmente quer.

**Mafalda:** Quando perguntada sobre a importância do Mafalda em sua vida, disse que o cursinho é "muito importante, muito mesmo". Pois no Mafalda aprendeu coisas que não aprendeu na escola e o ambiente é diferente, com as pessoas interessadas, alunos e professores interessados. Ainda, ao falar sobre a gratuidade do Mafalda, disse que para ela esse fato é muito importante, porque como ela já havia falado o vestibular não tem alcance para todo mundo e o cursinho serve para ajudar quem está à margem. Ela ainda disse que o Mafalda é o único cursinho que ela conhece que não tem custo nenhum a não ser a taxa de matrícula e os cursinhos hoje em dia são caros, então é muito importante essa iniciativa. Ela disse ainda que tem ajuda financeira dos pais, mas optou por estudar no Mafalda para conseguir uma base para estudar sozinha em casa posteriormente, porque isso seria uma economia muito grande para sua família.

**Responsabilidade em casa:** Disse que não trabalha, nem tem responsabilidades dentro de casa, então tem tempo para estudar bastante. Ainda, disse que atualmente estuda desde a hora que chega da escola, por volta das 13h e 14h até a noite. Para ela é primordial ter um ambiente de estudo calmo,

pois o ambiente da escola é de muito caos, tem muita gente e muita gente sem interesse, mas deveria ser calmo e voltado só para aquilo, sem outras distrações.

Apesar de não trabalhar, disse que tem muitos amigos que estudam e trabalham. Ela percebe que o ideal é só estudar, porque o trabalho interfere bastante no rendimento de estudos e acha que seria difícil estudar e trabalhar ao mesmo tempo.

**Hábitos culturais:** Disse que gosta de ler e sai pouco com os amigos, mas quando sai gosta de ir no cinema e comer em algum restaurante. Na região onde mora disse que tem pouquíssimas atividades culturais, conhece um Centro Cultural na região mas ele é bem seletivo, com poucas atividades. Ainda disse já ter participado há muito tempo de atividades lá como teatro, mas hoje em dia não frequenta mais.

## **Entrevista com professor Leandro**

**Apresentação:** Leandro, formado em Relações Internacionais pela USP e mestrando em Ciência Política pela USP. Trabalha em uma consultoria de comunicação estratégica.

**Inserção no Mafalda:** Desde setembro de 2014, quando viu um anúncio do Mafalda procurando professores de português para refugiados, é voluntário do projeto. Esta é sua primeira experiência como docente.

Trabalhou na confecção do material didático utilizado em aula, em 2015, ano no qual não houve aulas.

**Motivação para o projeto:** Começou a participar do curso de Português para Refugiados quando viu um anúncio de que o curso estava procurando professores e percebeu a oportunidade de ter uma vivência real com um tema que estava muito presente no que estudou, além da possibilidade de utilizar algo que sabe para ajudar e melhorar a vida de outras pessoas.

**Preparação das aulas:** Antes de começar a dar aulas, conversou com amigos que já davam aulas de línguas estrangeiras e se planejou, selecionando artigos de jornais, músicas e preparando explicações.

Além de oferecer ferramentas básicas para uma comunicação eficaz, busca fazer uma contextualização histórica dos acontecimentos, seus alunos vêm de culturas muito diferentes.

**Relação alunos-professor:** Tem interesse em conhecer a vida dos alunos e como estão se adaptando ao Brasil. Assim, mantém-se aberto para conversas e tem muitos alunos em redes sociais.

Entretanto, evita fazer certos questionamentos sobre os motivos e condições de vinda para o Brasil, porque percebe que alguns alunos sentem-se desconfortáveis em relação a essa temática. Leandro também relatou outro motivo de estranhamento: no princípio, os alunos não entendiam que este projeto é uma iniciativa voluntária, sem qualquer financiamento do governo ou da iniciativa privada, e cobravam certas posturas do Mafalda e dos professores. Então, foi necessário explicar a estrutura do projeto e reforçar aos alunos seu caráter voluntário, que os professores não são remunerados ou recebem qualquer incentivos financeiros e que a premissa da realização do projeto está em auxiliar pessoas para terem uma vida melhor.

## **Entrevista-Marcela**

**Apresentação:** Marcela, 30 anos, formada em Jornalismo pela Cásper Líbero e estudante de Letras da USP, bacharelado em francês. Mora na Consolação. Trabalha em uma editora de livros didáticos, lidando com material digital. Aprendeu francês na graduação e durante o período em que esteve fazendo pós-graduação na França (2 anos e meio).

**Inserção no Mafalda:** Marcela conheceu o Mafalda por meio de uma amiga que havia feito uma reportagem sobre o cursinho e que já era professora de inglês nele.

Como desejava lecionar e o projeto precisava muito de professores de francês, começou a dar aulas em fevereiro deste ano. Esta é sua primeira experiência como professora.

**Motivação pelo Projeto:** Acha a experiência muito interessante e gratificante, porque vê seu conhecimento sendo útil e possibilitador de uma vida melhor para outras pessoas.

Acredita que quando seus alunos aprendem a língua, tornam-se mais preparados para lidar com sua nova vida no Brasil, conseguem mais facilmente trabalho, fazem mais facilmente amizades com os brasileiros..

**Trabalho voluntário:** Para Marcela, o trabalho voluntário representa o engajamento do voluntário na causa, já que está doando seu tempo e conhecimento não para receber benefícios financeiros, mas sim porque acredita que pode ajudar e melhorar a vida de outras pessoas.

Acredita que esse engajamento desinteressado garante que os alunos se sintam mais acolhidos, amparados, consigam conversar, posto que muitos chegam sozinhos no Brasil, com dificuldades financeiras e demoram um pouco para se habituarem e fazer amizades.

**Relação alunos-professores:** Apesar de não ser uma relação muito próxima, ela tem interesse em conhecê-los e saber mais sobre suas vidas. Assim, através das aulas, espera que os alunos falem sobre suas culturas, tradições, o modo de vida em seus países, como estão se adaptando ao Brasil, etc. Dessa forma, busca a valorização da cultura do lugar de onde vieram, para que a chegada ao Brasil não represente a ruptura com o país de origem, e também a melhor adaptação aqui.

As condições de chegada e motivos para vinda ao Brasil, normalmente, não são abordados.

**Projeto para os alunos:** Para Marcela, o projeto significa um recomeço e a possibilidade de melhores condições de vida para os refugiados. O desconhecimento da língua é mais uma barreira e desafio para essas pessoas. Então, quanto mais instrumentalizados do novo idioma, melhores serão sua adaptação, condições para conseguir trabalho e reestruturação de suas vidas.



## **Entrevista com professora Gabriela**

**Apresentação:** Gabriela Cardoso, 20 anos. Ministra aulas de Redação e Gramática. Cursou dois anos e meio de Letras na USP, junto com o curso de Direito; abandonou o curso de Letras e agora está no 3º ano de Direito. Trabalha no Tribunal de Justiça de São Paulo, na 2ª Vara Tribunal na Penha.

**Inserção no ensino superior:** Pressão familiar para que cursasse Medicina, por isso realizou 1 ano de cursinho voltado a esse curso, mas percebeu que não desejava cursá-lo. Iniciou o curso de Letras, mas, por ser um curso muito teórico, resolveu trocá-lo por Direito.

**Inserção no Mafalda:** Gabriela foi apresentada ao projeto por um amigo que fazia cursinho no Mafalda, quando ainda cursava Letras. Há dois anos, dá aulas de Redação e Gramática.

Esta é sua segunda experiência como voluntária em Cursos Pré-Vestibular populares, já foi professora suplente no cursinho Angela/ Jacira.

**Preparação de aulas:** Gabriela dá aula de Redação e Gramática para uma turma de 130 alunos, participa das oficinas e plantões. Como projeto para este ano, deseja realizar uma oficina com temática jurídica.

Este é seu segundo ano como professora do Mafalda, por isso seu tempo de preparação de aulas é menor comparado ao primeiro, no qual passava duas horas lendo, pesquisando e organizando as aulas. Era bem metódica e tentava seguir à risca seu cronograma. Como hoje possui mais habilidade, segue as aulas preparadas no ano passado, gastando 30 min. para rever o conteúdo, sendo que boa parte dos comentários e conteúdos é construída durante a própria aula.

Além das aulas, Gabriela é responsável pela correção das redações. A dinâmica de suas aulas de redação é a seguinte: a temática é discutida em sala, os alunos devem entregar um texto na próxima semana, Gabriela o corrige, há novamente um debate e entrega das redações. A entrega das redações é obrigatória. Caso 3 redações não sejam entregues, o aluno deve fazê-las em sala. A professora aponta a dificuldade de conciliar a rotina de trabalho, escola, cursinho como um dos motivos para a não realização da tarefa.

**Motivação pelo Projeto:** Além da satisfação pessoal ao ver os alunos passarem em vestibulares e o impacto positivo que isso terá na vida deles, Gabriela acredita que o Mafalda representa uma causa política muito importante, sendo um local de transformação efetiva da sociedade e de construção e conscientização social. Acredita que, com as aulas de Redação, é possível discutir temas importantes, como feminismo, questões de classe e raciais, movimentos sociais, política, etc; temas que, muitas vezes, os alunos não têm acesso na escola regular.

**Trabalho voluntário:** Para Gabriela, o trabalho voluntário é essencial para o Mafalda, pois, em cursos pré-vestibulares pagos, como está havendo a comercialização da educação, não é possível que esta seja emancipadora e política, por isso, não há tanta discussão de temáticas para a transformação e conscientização social. “O cursinho precisa ser voluntário, porque a gente precisa estar aqui por uma causa, e não pelo dinheiro. Estas pessoas terem acesso à universidade pública é a real motivação”, disse.

**Política do Mafalda:** O papel do Mafalda é claro para os professores: mais do que fazer com que os alunos entrem na universidade, o cursinho deseja criar consciência política em seus alunos para que

sejam sujeitos que atuem e transformem a sociedade. Dessa forma, por meio da educação, busca-se “transformar o mundo”.

Gabriela afirma que, principalmente, na disciplina de Redação, é possível discutir temas sociais e políticos que refletem os valores ideológicos do cursinho como um todo e que possibilitam a transformação dos alunos.

**Vestibular:** Segundo Gabriela, o vestibular seria um filtro social que estabelece critérios para que na universidade só ingressem aqueles que cumprem os privilégios do sistema. Por isso, o cursinho Mafalda busca possibilitar condições para que seus alunos possam “competir”, ao menos, mais igualmente com os outros. Gabriela defende a erradicação do vestibular, mas, enquanto isso não acontecer, acredita que todas as ações que contribuam para a inserção de pessoas de baixa renda na universidade são válidas.

**Diploma:** O diploma representa para os alunos uma profissão e, também, forma de ascensão social, além de realização de um “sonho”, pois muitos deles são os primeiros em suas famílias a obter um diploma de curso superior; ou seja, o diploma é sinônimo de conquista e oportunidade. Já para Gabriela, o diploma é um reconhecimento meramente formal, porque o conhecimento teórico da academia e o nome da instituição não são garantias da formação de um bom profissional, já que sempre é necessário prática para o aprendizado.

**Relação alunos-professores:** Considera a relação entre alunos e professor maravilhosa, afirma ter muito carinho pelos alunos e que o esforço é compensado pelo afeto que estabelece com os alunos, relação próxima e de afinidade. Imagina que isso é auxiliado pela disciplina, na qual há bastante discussão, debate e conversa sobre assuntos do cotidiano dos alunos, como política, atualidade e economia, causas sociais.

**Material didático** é pensado para abordar e debater temáticas como feminismo, movimento negro, discussão sobre as cotas, preconceito linguístico, entre outras.

**Projeto para os alunos:** Segundo Gabriela, para os alunos, o cursinho representa a realização de um sonho. A maioria quer cursos como Medicina e Engenharia, que são muito concorridos e caros. Para eles, o Mafalda representa exatamente esta busca e luta. Ressalta que só o fato de estarem ali em um sábado de manhã, prestarem atenção, participarem das aulas é um sinal de resistência às determinações excludentes do sistema capitalista.

**Mafalda na comunidade:** O Mafalda traria um retorno enorme para todos, porque representa a luta por uma pauta política importante, a inclusão e acesso à universidade de grupos à margem do sistema, e a formação de cidadãos mais contestadores, politizados e engajados, além da realização pessoal de diversas pessoas.

## **Relato de uma aula de Geografia**

Aula de Geografia - 26 de Março de 2016 - perto das 10h

Cheguei à sala e pedi licença para a professora assistir sua aula, ela me autorizou e eu sentei no meio da sala. A aula não tinha começado, pois a professora estava tentando ligar o projetor e o computador que não funcionavam. Isso atrasou a aula em uns 15 minutos até que ela, depois de quase desistir, conseguiu ligar. A aula era de geografia e tinha duração de 50 minutos. Na sala tinha mais ou menos 40 alunos, adolescentes com idade aproximada. O conteúdo da aula era difícil, pois tratava geografia física, de rochas, solo brasileiro, relevo, etc. A professora, conforme ela mesma me revelou no final da aula, não dominava profundamente o assunto, então a aula se resumiu em esboços e exposição das denominações e os conceitos mais importantes. Alguns alunos mantiveram-se atentos na aula, mas no geral havia muita conversa e pouco envolvimento da turma. A professora levou rochas de verdade para a aula para ilustrar seus exemplos. Quando passaram-se 50 minutos exatos de aula, muitos alunos se retiraram na aula apressadamente, interrompendo a professora e ignorando totalmente que a aula ainda não tinha terminado. A professora vendo a debandada apressou a finalização da aula. No final da aula a professora me chamou para perguntar minha opinião sobre a aula e especulei com ela se a dispersão da aula deveria à dificuldade do assunto geografia física. Como já disse, ela me afirmou que não dominava tanto essa parte da geografia e que, inclusive, estava fazendo um curso para se aprofundar mais no assunto. No sentido pedagógico, apesar da dedicação da professora, a aula teve muitas deficiências que podem ser discutidos levando em conta, entre outras coisas, a dificuldade da professora de envolver os alunos em um assunto difícil, um domínio na exposição do assunto e clareza das ideias. Por outro lado, existiam obstáculos claros para a professora como o atraso em começar a aula pela questão do projetor, que encaminhou logo no começo da aula uma dispersão, a curta duração da aula, a dificuldade dos alunos de ficarem muito tempo sentados atentos a um assunto difícil e a sala cheia.

## **Metodologia e conclusões**

A metodologia envolvida no trabalho etnográfico do grupo para além de se utilizar de ferramentas de pesquisa como a entrevista, que foi de extrema importância para conhecer mais intimamente as ideias dos professores da escola, também buscou não se limitar ao levantamento de dados objetivos na observação, mas partir de uma análise crítica da observação. A discussão metodológica sobre a pesquisa do ambiente escolar, ou seja, a atitude epistemológica do pesquisador pode levar à diferentes respostas para o mesmo problema. Não só ferramentas técnicas de pesquisa estão em jogo, mas posições teóricas que refletem necessariamente uma concepção de transformação social e uma visão política de mundo.

A entrevista é uma ferramenta muito importante para a pesquisa etnográfica, sem por outro lado, abrir mão da teoria e da análise crítica dos dados, de modo a abarcar toda totalidade dos processos envolvidos. A entrevista não deve se apoiar em análises reducionistas, interpretando os processos escolares por suas causas e efeitos, ou seja, mecanicamente, não levando em conta a complexidade do estudo do sujeito, que não devem ser reduzidos à meros reprodutores de uma ordem hegemônica. As análises reducionistas interpretam a escolarização pautando-se em causas e efeitos, ou seja, mecanicamente, não levando em conta a complexidade do estudo do sujeito, que não devem ser reduzidos à meros reprodutores de uma ordem uniforme e hegemônica. Logo, a reflexão sobre as próprias ferramentas da pesquisa elabora uma atitude metodológica: “compreender um processo é compreender que uma transformação não é o efeito de um determinismo nem de um imprevisto” (ZAGO, 2003, p. 288. A prática de pesquisa deve ser voltar às realidades concretas da escola e abarcar uma compreensão sociológica que permita compreender a totalidade concreta, as complexas

relações com a escola e com os estudos, compreender suas contradições sem cair em determinismos sociologizantes ou psicologizantes.

As entrevistas dos professores da escola foram pensadas sob um roteiro que se debruçava sobre diversos pontos. Dentre eles, podemos citar, por exemplo, a experiência do professor com cursinho na sua própria fase de aluno, sua relação com a escola, seus espaços, voluntários e, sobretudo, a relação professor-aluno, de como o professor enxerga esse aluno e a significação do cursinho para a vida do aluno. O roteiro também perguntava as ideias do professor em relação ao próprio vestibular e a importância do ensino superior para o jovem e adulto.

